

Psicanálise e Alteridade: ódio em tempos digitais

Resumo: A ascensão política da extrema-direita, os ataques homicidas às escolas, as explosões violentas de racismo e LGBTQIA+ fobia, a narrativa da ameaça às tradições familiares heteronormativas, entre outros atos extremistas, podem ser pensados como efeitos de uma sociedade atravessada pelo ódio. Ódio esse que a psicanálise procura entender desde o início do século XX, acrescido, agora, da dinâmica das redes sociais, que é parte fundamental da cultura contemporânea. Com efeito, a internet tornou-se o palco privilegiado do espetáculo narcísico, ao mesmo tempo em que funciona como fomentadora e disseminadora do ódio e da violência. Entendemos que este ódio e a afirmação narcísica que ele implica são capturados pelas redes sociais. Há uma *economia* do ódio nas redes sociais, e ela diz respeito a afetos inconscientes e ao gozo do pertencimento a uma identidade compartilhada no social.

Nos últimos 10 anos, contados a partir dos eventos de Julho de 2013, a sociedade brasileira tem convivido com níveis elevados de violência política associados à extrema direita. Naquele ano, a direita tornou-se identificável nas ruas pela captura das camisas amarelas da Seleção Brasileira e por palavras de ordem que associavam a esquerda política à corrupção. Os protestos que se iniciaram com a pauta de esquerda da tarifa zero no transporte público, com o passar do tempo, explodiram em diversas demandas de direita que foram colocadas nas ruas e nas redes digitais. A partir dali siglas de direita como o MBL, Movimento Brasil Livre, tornaram-se comuns nos debates da imprensa e passaram a liderar correntes subterrâneas de influência nas redes sociais. O ano de 2013 marca, portanto, o início da polarização entre direita e esquerda - que orienta a vida brasileira desde então - e a erupção na vida pública de grupos ultraconservadores que, a partir da internet, lançaram um amplo movimento de captura ideológica que resultou na eleição de Jair Bolsonaro e na construção de uma corrente política de massas que mudou a face do país. Além de atacar a democracia e sustentar uma solução ditatorial para os problemas do país, a extrema direita atuou e segue atuando no campo simbólico para desmontar as conquistas dos movimentos negro, feminista e LGBTQIA+, apelando a valores religiosos, familiares e a ideologias conservadoras que precarizam o trabalho. A disseminação massiva e sistemática de mentiras nas redes sociais, as

chamadas fake news, são outra forma de violência simbólica que a extrema direita utiliza na guerra contra a esquerda e os avanços sociais e culturais. No campo da realidade, a violência da extrema direita se materializa na disseminação das armas, na multiplicação dos feminicídios e dos assassinatos de pessoas indígenas, negras, homossexuais e pessoas transgênero, e nos ataques às religiões de matrizes africanas. No dia 8 de janeiro, a tentativa de golpe de Estado, uma semana depois da posse de Lula, mostrou até onde a extrema direita está disposta a avançar para impor a sua agenda política. A multiplicação de ataques às escolas, nos quais adolescentes aliciados pela internet matam colegas de forma quase ritualística, é outro sinal do adoecimento psíquico provocado pela disseminação de ideologias neonazistas e misóginas nas redes sociais. As redes, suas imagens e seus jogos, servem como organizadoras da ideologia de ódio que captura jovens vulneráveis. O relatório "O Extremismo de Direita e Jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação Governamental", produzido pelo educador Daniel Cara e outros autores (Dez 2022), pesquisa os ataques violentos às escolas realizados com armas de fogo e outros artefatos no Brasil e no mundo, revelando uma sistematização. Mostra que os atentados se vinculam ou tiveram motivação de ódio. O Brasil já é o segundo país do mundo em número de atentados contra as escolas.

Face a essa situação de hostilidade geral, coloca-se para a psicanálise brasileira o desafio de entender os fundamentos intrapsíquicos e intersubjetivos desse movimento social de destruição. A primeira coisa que nos ocorre é pensar a partir dos processos de identificação coletivos descritos em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921). Neste trabalho, Freud sustenta que o homem, mesmo tomado individualmente, está diretamente relacionado com o seu grupo e com os fenômenos sociais no que se refere aos anseios e impulsos. Nesse sentido, diz: “...Os sentimentos de um grupo são sempre muito simples e muito exagerados, de maneira que não conhece a dúvida nem a incerteza. Ele vai diretamente a extremos: se uma suspeita é expressa, ele instantaneamente se modifica numa certeza incontrovertível; um traço de antipatia se transforma em ódio furioso (*ibid.*, 56)” (pg. 89).

Identificados com o líder viril e violento, seus seguidores abrem mão do próprio Ideal de Eu e colocam em seu lugar a figura idealizada do líder, como objeto de veneração. Ao mesmo tempo, como integrantes de uma massa de

adoradores, recebem o amor libidinal coletivo entre iguais. Produz-se uma situação de "estabilidade psíquica" e virtual cegueira crítica. Mas essa explicação, embora dê conta da dinâmica da relação psíquica entre a massa e seu líder, não explica a súbita conversão de milhões de brasileiros a uma ideologia tão contrária a tudo que se vinha fazendo no país desde a redemocratização, há 38 anos. Em que aspecto do aparelho psíquico se ancora a violência política, que parece seduzir milhões de brasileiros e constitui, mesmo depois da vitória de Lula e da cassação política de Bolsonaro, um obstáculo concreto à condução pacífica da política brasileira?

Para entender esse fenômeno, talvez seja necessário recorrer, ainda em Freud, ao conceito de desamparo. Nas últimas décadas, o aprofundamento do capitalismo na versão neoliberal criou legiões de homens e mulheres que contam apenas consigo mesmos e com a família para manter-se à tona e sobreviver numa competição social cada vez mais selvagem. O medo criado por essa solidão é profundo. O ressentimento provocado por ela é imenso. O que a extrema direita faz, no mundo todo, é canalizar medo e ressentimento para a figura do "outro", esse alienígena que não é como eu e se converte em alvo legítimo do ódio, o sentimento que Freud considerava o mais primitivo do repertório humano, voltado desde a infância do aparelho psíquico contra tudo que ameaça de fora. Para Freud "Aquilo que é mau, que é estranho ao ego, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos." (Freud, A Negativa). Em nosso tempo, o outro é o imigrante que ameaça o modo de vida europeu com seus "hábitos estranhos". É o negro e o indígena, que ameaçam o futuro da classe média brasileira ao romper com seu papel histórico de grupos subordinados e exigir o lugar de protagonismo na sociedade. É o homossexual e o transsexual, que ameaçam a família com seu exemplo transgressivo. Trata-se, em todos os casos, de usar o medo para produzir no grupo isolado e ameaçado a sensação de unidade e o senso de identidade: somos nós contra eles, somos nós ou eles. O gozo identitário do pertencimento é visível nas manifestações da extrema direita brasileira, que exagera caricaturalmente suas cores e reúne, invariavelmente, jovens à deriva e uma parcela desproporcional de pessoas idosas, grupos sociais psicologicamente mais vulneráveis diante das bruscas mudanças econômicas, sociais, culturais e da alienação gerada pela tecnologia. Acrescenta-se a isso o incremento do desamparo provocado pela Pandemia Covid19 que vivenciamos, que afetou toda a população mundial

devido às emergências sanitárias que em muitos casos levavam à morte. No Brasil, o enfrentamento dela teve violência política com as respostas governamentais destacando as ações anti científicas e mortíferas resultando em 705 mil mortes.

A combinação de ódio e desamparo está presente nas redes sociais. O algoritmo das redes se encarrega de fornecer conteúdos repetidos a uma audiência ávida por ver seus pontos de vista confirmados, gerando uma “bolha ideológica”. Este mecanismo de autogratificação, essencialmente uma máquina narcísica, bloqueia aspectos desagradáveis da realidade e realimenta convicções cada vez mais exaltadas, frequentemente delirantes. O princípio da realidade é negado em nome do princípio do prazer. Isso porque o princípio de realidade leva a necessidade de trabalho psíquico, já que rompe a “bolha narcísica” que sustenta a experiência de onipotência primária. Lembramos com Freud e Ferenczi que é no reconhecimento e na tolerância do desprazer provocado pela percepção de nossa insignificância e pelo confronto com nosso desamparo primordial, que alguma possibilidade de entrar em contato com a alteridade se faz presente. Em outras palavras, só podemos nos confrontar com a alteridade na medida em que abrimos mão da gratificação narcísico-identitária-onipotente, na qual a internet se especializou. As redes sociais são usadas para fins políticos ao estimular fantasias que se adequam perfeitamente ao que “já sabíamos”, garantindo que nossas crenças preestabelecidas estejam sempre certas, que somos “bons”, “gente de bem”, e que os adversários políticos estão errados, que são mesmo “do mal” ou imorais. A rede alimenta todas as espécies de convicções, sejam elas de esquerda ou de direita. Coletivamente as bolhas digitais, o algoritmo, e as fakes news formam um curral ideológico impermeável a outros pontos de vista e mesmo a fatos contraditórios, e isso ajuda a explicar a enorme popularidade de Bolsonaro mesmo depois de um governo objetivamente desastroso.

Se aprendemos com Freud que o ódio à tudo que é externo (e portanto diferente) é o mais primário meio de proteger o narcisismo, não nos surpreenderá constatar que as explosões de violência a que temos testemunhado no campo da política e nos ataques a escolas funcionam como formas de reafirmação da rígida identidade hipernacionalista, patriarcal e heteronormativa - a pluralidade que habita a escola e o parlamento são insuportáveis para uma lógica de afirmação identitária unívoca e inflexível. Ademais, deve-se considerar o gozo

narcísico de tornar-se publicamente um mártir do grupo e um assecla do líder, ou seja, a satisfação de ser adorado nas redes fazendo uma *live* enquanto invade o Planalto, ou de aparecer na TV por entrar atirando em escolas em nome de um Ideal de Eu extremista. Com efeito, no ato destrutivo espetacular, o sujeito se aproxima do Ideal e ganha, assim, a aprovação dos seus pares e do seu líder. Ainda com Freud, numa tentativa de explicar a violência das massas, encontramos na articulação do conceito de Ideal do Eu e desamparo a chave para pensarmos como, com certa facilidade, um líder consegue capturar e conter em torno de si o mais profundo desejo humano, a saber: receber o amor do líder/pai, ter sua proteção e obter a restauração do eu purificado. Para tal efeito, tudo que não coincidir com esse Ideal será violentamente eliminado, na tentativa de afastar o desamparo original que reaparece quando o narcisismo individual ou grupal é abalado.

O que vemos operar nesses tipos de organização de massas é a radicalização das forças pulsionais, onde a pulsão de morte representada pela destruição e violência se dirige ao estrangeiro, que ameaça a coesão narcísica da massa. Em nome da preservação da massa “purificada”, vale lançar mão de atos bárbaros que rompem com os laços civilizatórios porque afinal, para essa massa, não há fora da bolha, não há o reconhecimento do outro como semelhante que mereça viver e ter direitos. Pensando em André Green existe uma total desculpabilização dos atos bárbaros porque a pulsão de morte, em sua função desobjetalizante tratou de desumanizar o outro semelhante, abrindo caminho para a destruição. Por isso, não é exagero afirmar que na esfera política da extrema direita o que se produz é um verdadeiro projeto de aniquilamento.

Diante desses fenômenos, como a psicanálise enquanto prática clínica e também como teoria de aplicação psicossocial pode ajudar a mudar esse preocupante cenário? Freud nos alertou que a saúde psíquica acontece quando amamos ao outro, quando somos capazes de investir os objetos externos, e temos a capacidade para trabalhar mas adverte que, quando isso não acontece, adoecemos. O amor, embora fundamental no plano individual e político, por si só não é suficiente já que também pode carregar sua parcela de idealização e narcisismo (não amam os bolsonaristas o Bolsonaro, ou a família tradicional, ou a sua versão conservadora da “pátria”?). Além da clínica, especificamente no nível macro, pensamos que a sustentação permanente do diálogo com o diferente, o debate inter e transdisciplinar, a inclusão no campo psicanalítico de

outros saberes e a inserção do discurso psicanalítico no campo político são estratégias que buscam “furar as bolhas”, inclusive a bolha narcísica existente no próprio seio psicanalítico.

Já no nível micro, podemos também pensar a psicanálise como promotora de alteridades e transversalidades tanto na clínica, quanto na teoria. Voltando aos fundamentos: não está a psicanálise desde o início avisando que há um “Outro” ou “Outros” (alteridade/s) que habita dentro de nós? Não é nossa consciência uma mera superfície e nosso Eu um pequeno narciso indefeso frente ao tamanho da alteridade interna e diversa do Id que a todo tempo nos desdobramos para reprimir? Não é a análise o lugar onde nos encontramos com o “estranho familiar” que na verdade somos nós? O mecanismo da projeção faz com que às vezes o rosto da alteridade de dentro, a qual reprimimos seja exatamente o mesmo rosto de uma alteridade de fora negada e até destruída pelo ódio. O confronto com o estranho e com a diferença demanda amor, sim, mas exige também um confronto com o desamparo com a fragilidade de nossa identidade egóica, algo difícil de admitir quando o Eu se torna rígido e intolerante à alteridade. Não podemos deixar de apontar a importância do trabalho da cultura entre os níveis micro e macro em sua função de criação de campos intermediários que favoreçam o reconhecimento das complexidades do contato com a alteridade e com a realidade. Cultura enquanto espaço intermediário e transicional que, dentro e fora da análise, media o contato entre o eu e o não-eu.

A fim de explicar a irrupção da violência de extrema direita e o notável ódio à diferença que se constata na política contemporânea, descrevemos certos mecanismos das redes sociais que funcionam como fábricas fomentadoras de reafirmações narcísico-identitárias auxiliadas pelos algoritmos. Lembramos o modo como a dinâmica psíquica de massa promove uma identificação com o líder colocando-o no lugar de Ideal de Eu e a partir daí descrevemos a maneira como a identificação entre os membros da massa como irmãos/filhos do líder exige uma constante purificação de qualquer diferença, a fim de se preservar de um encontro assustador com a alteridade e com o desamparo a que ela alude. Vimos que o ódio é aliado de primeira hora do narcisismo e entendemos que o narcisismo grupal se faz hoje ainda mais necessário exatamente porque protege do desamparo, sentimento cada vez mais presente pela precarização promovida no sistema neoliberal. Num mundo já tão desamparado, desigual no acesso aos direitos coletivos conquistados, o encontro com a alteridade parece um encontro

com o inimigo, pois a alteridade é de início assustadora, perigosa ao narcisismo do indivíduo ou do grupo. Sabendo disso a extrema direita soube usar para fins políticos o medo da alteridade oferecendo como panaceia o equivalente a uma cloroquina psíquica: doses cavalares de ódio ao diferente e pílulas diárias de gozo encontrado na identidade rígida grupal das redes sociais e dos canais de *fake news*. A psicanálise deve buscar outra solução. Enfrentar a alteridade exige amor, mas também uma disposição de combater os perigos da gratificação narcísica em diversos âmbitos: em nossa sociedade, em nossas instituições, mas também em nós e em nossos pacientes. No caso do ataque às escolas, a Psicanálise pode contribuir com reflexões e intervenções para mitigar a hostilidade reinante nos espaços escolares, estimulando a criação de projetos de vida individuais e coletivos. Aqui, o trabalho da cultura de que falávamos antes é fundamental.

Concluindo, em tempos de extremismo e de violência política, onde o que imperam são figuras identitárias onipotentes e sem pensamento crítico, a psicanálise tem o desafio de abrir campos democráticos para que o pensamento e a diferença possam advir. Para tal devemos sair do conforto de nossos nichos integrando-nos ao debate público e ao diálogo amplo com outros saberes e com a cultura mais ampla. Em paralelo, destacamos a importância de promover e reconhecer a alteridade dentro de nós, psicanalistas e em nossa escuta clínica. É importante estarmos abertos ao encontro com o “estranho familiar” - que somos nós mesmos - e a ouvir o inconsciente, esta alteridade que habita todos. A alteridade e a diversidade estão na ética da psicanálise. Precisaremos delas para vencer a política do ódio ao diferente.

Denise Cardellini, Daniel Modós (Externo), Ivan Martín (Externo), Nelci Andreghetto, Katia Capucci (Aspirante a membro), Márcia Ramos, Francisca Lutz, Lilian Fogaça, Elcio Gonçalves, Ester Alves (Externo), Silvia Gonçalves, Milena Liberman e Leilyane Masson.

Set/2023

Interlocutora: Denise Maria Cardoso Cardellini